

Na fase final da superação de um AVC que sofreu em 2010, Raimundo Carrero escreve dois livros, um deles sobre essa dolorosa experiência. Por **José Castello**, para o Valor, do Rio

Travessia do corpo

Instantâneos

literários



Em outubro de 2010, o escritor pernambucano Raimundo Carrero sofreu um grave AVC. As sequelas o deixaram por quase 15 meses de cama. Tinha, porém, uma reserva de forças que nem ele mesmo conhecia. Transferiu a fúria com que sempre se dedicou à literatura para o cuidado do corpo. Durante todo esse tempo, Carrero viveu para seu tratamento. Viveu para atravessar seu corpo e para reescrevê-lo. “Foi um tempo duro e difícil, mas que estou tratando, finalmente, no passado”, diz. Já recuperou a autonomia. Depois de 18 meses de luta, já caminha sem a necessidade de uma bengala. Voltou também a dar aulas: às quintas-feiras, ministra duas horas de oficinas na União Brasileira de Escritores do Recife, projeto antigo que desenvolveu, sempre, com paixão.

Voltou, também, a escrever. Em um lap-

top que acomoda no colo, sentado sempre na mesma poltrona semi-inclinada em que ainda passa quase todos os seus dias por conta das dores persistentes na coluna, Carrero trabalha em dois livros: o romance “Tangolomango/ Ritual das Paixões Deste Mundo” e o relato “Às Vésperas do Sol”, a respeito de sua doença e da travessia existencial a que ela o levou. Hoje, depois de se perguntar, durante muito tempo, por que Deus o teria castigado, um sereno Carrero entende seu sofrimento de outra forma. “No começo, eu pensava que fosse um castigo. Depois, entendi que Deus não castiga ninguém e fui atropelado pelo acaso.” Já consegue até, supremo heroísmo, ver a longa experiência dolorosa, pelo menos em parte, como uma experiência positiva. “Tive de repassar minha vida, os erros, os acertos, as dores, as alegrias. Foi um tempo de revisões. De renúncias, mas também de conquistas.”

Atravessar a si mesmo, repisar cada uma das pedras que compõem a própria existência e sair inteiro do outro lado, o transformou, de certo modo, em outro homem. Não

que tenha sofrido uma metamorfose, mas porque chegou ainda mais perto de si mesmo e do homem que é. “Foi um longo exercício de paciência”, admite Carrero — fazendo sempre questão de usar os verbos no passado. Durante todo esse tempo, praticou meditação (a seu modo, mastigando um silêncio triste, sem palavras, sem nenhuma possibilidade de expressão). Aprendeu, ainda, a contemplar o mundo e suas coisas. E a aceitar o vazio. Aquietou-se. “Quando eu finalmente não precisar mais dessa cadeira, saio monge.” Tornou-se ainda mais religioso. Diariamente, no fim da tarde, reza o terço. Pela TV, com regularidade, assiste à missa. As irmãs — cinco no total —, e também o único irmão, se revezam para acompanhá-lo nas novenas.

Com isso, aguçou, mais ainda, suas ideias a respeito da religião, que vê não como um cânone, ou uma experiência de purgação, mas como um contato direto com o amor. Relê, sempre, um mesmo livro, “Todas as Coisas se Amam”, do padre e poeta nicaraguense Ernesto Cardenal. Explica sua obses-